Por Paulo Henrique Arantes

A economia brasileira vai bem ou mal? Depende da ótica. O fato concreto é que questões geopolíticas colocam o Brasil em posição privilegiada no mundo, janelas de oportunidades se abrem e alguns dos nossos dados socioeconômicos recentes são alvissareiros, a despeito de equívocos históricos que teimam em se repetir.

A palestra do economista Ricardo Amorim na Sessão Magna do 47º Congresso Brasileiro da Previdência Privada (47º CBPP), no Transamerica Expo Center, em São Paulo, intitulada “O jogo global em reconfiguração: tudo mudando ao mesmo tempo”, causou um duplo efeito na plateia – um choque de realismo, outro de otimismo. Em síntese, o palestrante explicou por que a realidade de um mundo conturbado, hoje, conspira a favor do Brasil.

“Donald Trump está virando tudo de cabeça para baixo. Seus atos e suas ameaças redesenham o arcabouço geopolítico global”, observou. Contextualizando o estilo errático do presidente americano, Amorim lembrou que há 81 conflitos em curso no mundo, um dos quais – a contenda entre Estados Unidos e Irã – afeta os preços do petróleo e influi na economia de quase todos os países. Só que o Brasil tira proveito disso.

Diferentemente do que acontecia na primeira grande crise do petróleo, em 1973, quando éramos importadores, hoje o Brasil é o sétimo maior exportador de petróleo do mundo. “Exportamos mais petróleo do que soja”, assinalou. Turbinado pelo pré-sal e protegidos pela produção de etanol, o país alia o crescimento da produção de petróleo à redução do seu consumo, em boa parte substituída pelo do álcool. Falta sanar a baixa capacidade de refino, que nos obriga a importar derivados, e o alto custo do transporte rodoviário, que encarece o combustível para o consumidor.

“Precisamos de um plano para biodiesel a exemplo do que tivemos para o etanol, com o Pró-Álcool”, advertiu.

Ricardo Amorim disse ver um enfraquecimento do dólar nas transações internacionais, pondo em dúvida até a continuidade, no futuro, da moeda americana como referência global. “A maior parte das reservas internacionais dos Bancos Centrais não são mais em dólar, mas em ouro”, destacou. E exclamou: “Esse é dado assustador!”

Posição privilegiada – Esse mundo tumultuado e incerto reserva ao Brasil uma posição privilegiada. E, no entender de Amorim, isso se deve a uma boa dose de sorte, não à forma como a economia brasileira vem sendo conduzida. O destino dos recursos de grandes investidores internacionais encontrariam portos atrativos nos Brics originais – Brasil, Rússia, Índia e China. Entre esses quatro países, contudo, só o Brasil não convive com problemas geopolíticos que afugentam os investidores.

“O Brasil vem ganhando a disputa por investimentos internacionais. Não por méritos nossos”, avaliou o economista. E foi além: “O cenário internacional está abrindo enormes possibilidades ao país. O real foi a moeda que mais se apreciou em relação ao dólar no ano passado”.

A falta de “méritos nossos”, como ficou claro na explanação de Ricardo Amorim, reside principalmente na ausência de um ajuste fiscal que equilibre as contas públicas, já que avançamos na preservação ambiental, com quedas importantes nas queimadas e no desmatamento e, excluídas as áreas de preservação, somos donos de uma gigantesca área agricultável. Além disso, os termos do acordo Mercosul-União Europeia serão aplicados “ainda que demore um pouco”, como demonstram as cenas política e econômica dos países europeus, França em especial.

Sobra mesmo para a situação fiscal a pecha de obstáculo ao desenvolvimento econômico brasileiro.

E é nessa seara que entra a questão previdenciária. “Ninguém gasta como o Brasil. E se formos ver a composição dos gastos, o que mais pesa é a Previdência Social”, a qual, entende Amorim, carece de nova reforma logo em 2027. De todo modo, ponderou, a regulamentação da Reforma Tributária – que deverá injetar perto de 17 bilhões de reais na economia devido ao dispositivo do *cashback,* além da coibir sonegação – exercerá um efeito de melhoria nas contas públicas.

Ricardo Amorim disse não ter condições de prever o resultado da eleição do próximo domingo, 25 de outubro. De todo modo, seja quem for o escolhido pelos brasileiros, acertará se cuidar dos gastos públicos: “A economia brasileira é maníaco-depressiva. Mas os ventos estão nos ajudando a alçar um voo de pipa, não de galinha. Se fizermos o ajuste fiscal”.

O 47º CBPP é uma realização da Abrapp, UniAbrapp, Sindapp, ICSS e Conecta. Patrocinador Diamante: ASA, Evertec, Itajubá Investimentos AI e XP Banco de Atacado. Patrocinador Ouro: Aditus, Aon, Azimut, BB Asset, BNP Paribas Asset Management, Bradesco Asset, Galapagos Capital, Itaú Asset Management, MAG Seguros, Principal Asset Management, Safra, Santander Asset Management e SulAmérica Investimentos. Patrocínio Prata: Anbima, CAIXA Asset, Cavezzale Advogados Associados, Consepro, IIA Brasil, Investira, Leto Capital, Maraey, Mirador, Oceana Investimentos, Porto Asset, PRP Soluções, RJI Investimentos, Sabesprev, Vila Velha Corretora de Seguros, Vinci Compass e Wedan. Patrocínio Bronze: FRAM Capital, Icatu Vanguarda, Investo, IP Capital Partners, MAF Consultoria, Mapfre, Polo Capital, REV Corretora de Seguros e Sparta. Parceiros de Mídia: Broadcast, CNN Brasil e Gazeta Mercantil. Apoio Promocional: ABDE, Abipem, ABRH, ABRH-ES, Abvcap, Ancep, Apimec, ASCPrev, CFC, CRA-SP, Febraban, Fiap, Fipecafi, FPE, IBA, IBGC, IBPE, Ibracon, Servir Brasil, Previpar, Tchê Previdência e Unidas.

Fonte: Abrapp em Foco, em 21.10.2026.